

DEUS está Morto - Ressuscitou o DIABO

"Depois que o filme 'O Exorcista' entrou em exibição em 22 cidades nos EUA, no dia seguinte ao Natal de 1973, a vida de milhares de americanos começou a ser perturbada. Desde então, diante das bilheterias dos cinemas, formam-se filas gigantescas, onde os espectadores esperam até 4 horas pelo momento de comprar a entrada para um espetáculo com 120 minutos de ininterrupto e sufocante horror. Pelos cálculos que incluem o mês de janeiro, mais de 4 milhões de pessoas pagaram 10 milhões de dólares para ver o filme — embora isso trouxesse a muitos vertigens, desmaios e vômitos.

Em Berkeley, a meca universitária da Califórnia, um espectador alucinado avançou contra a tela, num vão esforço para "agarrar o diabo", personagem invisível e central do filme, extraído do devastador best-seller de William Blatty. E num dos bairros mais comportados de Chicago, a polícia se queixa de vandalismo, tráfego congestionado e assaltos ao redor do cinema que exhibe "O Exorcista". Ao mesmo tempo, padres católicos e pastores protestantes começam a ser procurados, mais que em qualquer outra época, por pessoas que se julgam possuídas pelo demônio.

Por toda parte, de fato, "O Exorcista" está capturando a imaginação popular e pondo em foco as ansiedades, fantasias e temores subterrâneos da sociedade americana contemporânea. "Este filme é um fenômeno religioso e social", diz um pastor protestante. E para Hal Linsey, bem sucedido autor de livros apocalípticos, existem "poderes espirituais em ação, durante a exibição do filme, que só está preparando o terreno para o futuro ataque do demônio" (Veja 20-02-74).

É sempre do mais alto interesse constatar a falência das profecias que anunciaram o fim dos sentimentos religiosos. Na verdade, quando a humanidade começou a entrar nos trilhos da mentalidade científica, vislumbrou-se a explicação na-

tural de todos os fenômenos, sem que, no futuro, fosse preciso apelar a entidades independentes ou fora do mundo: se ainda não tinha todas as explicações, a ciência, progredindo numa direção sem fim, encontraria a resposta para tudo. O homem então entraria numa era de posse da sua total independência, exorcizados todos os antigos temores.

É por demais evidente que as profecias não se cumpriram. Quanto mais o progresso entra pelas soluções tecnicistas e automáticas, parece que tanto mais se aprofunda o insondável mistério deste ser chamado homem. Em nosso ambiente de cidade grande, embora frequentemente a fé simples do catolicismo interior seja jogada fora, como um fardo pelo caminho, o que se vê, longe da proteção quase uterina do ambiente sertanejo, é a necessidade cada vez mais premente do homem buscar a explicação de si mesmo, através de toda a espécie de cultos religiosos ou parareligiosos. Olhando as dezenas de lugares de todos os cultos, ninguém vai dizer que o sentimento religioso está desaparecendo.

"Deus está morto!" clamaram muitos teólogos do pós-guerra. E agora quem está ressurgindo, com força total, é o demônio, haja visto o verdadeiro fenômeno do mencionado filme, um verdadeiro furo na muralha de nossas defesas psicológicas por onde vasam e podem ser vistos todos os temores, todas as inquietudes e toda a insegurança de pertencer à raça humana. Deus está morto, nesta Semana Santa, para dar a grande explicação do eterno enigma: "Quem quiser encontrar o sentido de sua vida tem que perdê-la". Parece que não é buscando as garantias, nem exigindo todas as clarezas que o homem descobre o sentimento de realização do seu mistério. Parece que é preciso seguir violentamente o caminho contrário: simplesmente colocar, com decisão e sem muitas pretensões, a sua presença no mundo e as suas qualidades para que, na partida, este mesmo mundo tenha ficado um pouco melhor.

Catábis & Catacrese

A Roda Pior é a que faz mais Barulho

1. Propaganda turística do venerável e nobre matutino (Jornal do Brasil, 14-02-74): "O Rio não é nada aconselhador para aquele que o procura a fim de fazer turismo por conta própria. A sensação de desamparo aumenta à medida que o visitante se vê assediado por exploradores de todas as categorias". E por aí afora e adentro em três fartas colunas ilustradas. Depois é D. Helder que estraga a imagem, hem?

2. Do Embaixador Paschoal Carlos Magno recordando caravanas e trens e navios de cultura (Veja 27-02-74): "O Brasil — para mim o maior do mundo — parece formado por alguns homens altos e superiores e por uma porção de galináceos. Estes só podem imaginar viver em poleiros e quem voa mais alto sofre as consequências". Ah, doutor, será que os galináceos aceitam a ofensa?

3. Devaneios filológicos-teológicos-catabíticos-catacréticos do ilustre dr. Justino em Manchete (09-03-74): "A Igreja definiu o Carnaval como o adeus à carne. Este aliás é o significado etimológico da palavra carnaval. Dias antes dos rigores impostos pela Quaresma, nada mais natural que o povo

de Deus tenha um pouco de alegria e prazer. Portanto essa festa, que muitos julgam ser de origem pagã, é essencialmente cristã, abençoada e pura". Eta subdesenvolvimento!

4. O teólogo global, carregando um terrível complexo de culpa, compara a historicamente real prisão de D. Vital com a (por ele desejada) de D. Helder, ambos bispos de Olinda-Recife, um em 1874 outro em 1974. E da veia esclerosada sai a seguinte poesia dedoduresca: (O Globo, 02-03-74): "A prisão de D. Vital foi a injustíssima prisão de um santo servidor de Deus; a de D. Helder seria discutível segundo critérios pragmáticos ou diplomáticos, mas se se realizasse, o libelo de pregador subversivo e infiel à sua Igreja seria justo e verdadeiro". Eta amor fraterno ruizinho de corte!

5. Provérbio da semana: "A roda pior do carro é a que faz mais barulho". O que no reino vegetal se traduz pelo seguinte: "Muita parra, pouca uva". E no reino animal se costuma dizer entre as galinhas: "Cacarejar e não pôr ovo". Nem por isso o dotor deixa de discursar.

Justiça no Mundo da Força, Dr. Tristão?

1 FOLHA:

Ainda a propósito de Tristão de Atayde como é que o senhor vê as opiniões e atitudes dele em face do sistema político brasileiro? A defesa da liberdade, que é uma das grandes causas de Tristão de Atayde, não se choca afinal de contas com a realidade de um mundo violento onde a força seria a única receita eficaz?

D. ADRIANO:

A pergunta é muito complexa. E também muito interessante. De fato a defesa da liberdade, como primeira exigência da dignidade da pessoa humana, é uma das grandes causas de Tristão. Nas "Memórias Improvisadas" por ex. quando afirma: "Hoje estou convencido de que a exigência maior do Brasil não é apenas o desenvolvimento mas também e sobretudo a liberdade. A dignidade humana exige a liberdade, a liberdade exige a justiça. A justiça e a liberdade exigem responsabilidade" (p. 117). A respeito da Igreja: "Cheguei à convicção de que a Igreja, antes de ser uma defesa da autoridade, é uma defesa da liberdade e da justiça" (p. 121). Uma clara tomada de posição e mesmo uma profissão de fé encontramos no trecho seguinte (p. 234): "A partir de 1940, mais ou menos, iniciei um processo de revisão de meu comportamento e das minhas ideias em face dos problemas sociais e do destino da criatura humana em sua passagem pela Terra. Percebi então que o fato de acreditar na liberdade acima da autoridade, de acreditar na democracia acima das oligarquias ou das autocracias, de acreditar na liberdade de pensamento, acima do dirigismo intelectual, não implicava em nenhum conflito com as minhas convicções católicas, com a minha religiosidade, nem com os meus sentimentos. Não existia entre uma coisa e outra a menor incompatibilidade. Vi-me assim restituído a mim mesmo, o que me levou à defesa da liberdade, da justiça, e à defesa, inclusive, da evolução da sociedade num sentido socializante".

Creio, a deduzir dos artigos que semanalmente escreve para o Jornal do Brasil, que Alceu de Amoroso Lima valoriza os valores do sistema político brasileiro. Ele e todos nós estamos lembrados da lamentável crise de autoridade que viveu o país nos primeiros anos de 60, com repercussão em todos os sectores da vida nacional, não apenas na economia, como os partidários do desenvolvimento continuamente apregoam. A partir da hora em que um presidente da República aceita discutir com adolescentes os termos de reivindicações estudantis, as condições de cessar greves etc. a gente pergunta: o que falta ainda para desmoralizar as estruturas políticas? A liberdade de que todos, inclusive os conspiradores civis e militares, então gozávamos era um dado real. Mas onde estava a autoridade, um mínimo de autoridade para o razoável funcionamento da democracia? onde eram atendidas as exigências de justiça social, senão somente nos grupos privilegiados?

Precisamente para preservar a ordem constituída e a democracia é que aconteceu a Revolução de 1964. Quaisquer que tenham sido as intenções iniciais dos revolucioná-

rios civis ou militares, o que se viu sobretudo depois de 1968 foi o acento sempre mais forte sobre o binômio "desenvolvimento e segurança" e uma concentração crescente e absolutizante do poder executivo — manobrado por um grupo que se substituiu silenciosamente de acordo com os esquemas de promoções militares — com amputação sempre maior do poder executivo e com riscos sérios para a liberdade do poder legislativo. A suspeita, ainda viva, contra o que em todos os tempos foram os grupos dinâmicos das sociedades — intelectuais, artistas, estudantes, clérigos, militares etc. —, capazes portanto de crítica, de opinião independente, de discussão, de contestação, de atuação, não só a suspeita: também a censura e a perseguição, retardou o processo democrático e feriu de cheio as liberdades públicas em cuja defesa se fez a Revolução.

A respeito do papel que a Igreja — hierarquia e laicato — tem desempenhado nos últimos anos, os acontecimentos estão à vista de todos. Talvez nunca em nossa vida de nação a Igreja tenha tido mais problemas e vivido mais restrições no exercício de sua missão profética, e justamente numa fase de sua história que pertence às mais carregadas de profetismo e de consciência de si mesma.

Uma dessas grandes vozes proféticas é Tristão de Atayde. Quando tudo parecia perdido, ele falava, ele fala. E por sua inteireza moral, por sua grandeza intelectual — que por ex. um presidente Castelo Branco tinha em alta conta e certamente outros também — sempre, ao que sei, lhe permitiram falar, falar com clareza e defender os direitos da pessoa humana. Num artigo de fim de ano (Jornal do Brasil, 27-12-73) com o expressivo título de "Cassandra não" assim termina com uma síntese daquilo que é sua mentalidade e sua personalidade: "Creio cada vez mais na liberdade, no respeito pelos direitos individuais e no consenso popular, como instrumentos de progresso social. Longe portanto de me confessar pessimista com relação ao nosso futuro, particularmente a respeito do novo Governo em vista, por mais ilegítimo e reprovável que seja o processo antidemocrático de sua escolha, continuo invariavelmente otimista e pregado apenas com as armas da razão e do bom senso, em suma, da palavra livre e do respeito mútuo, como instrumentos capazes, apesar de tudo, de tornar o Brasil uma pátria grande e livre, pela reforma pacífica e contínua dos homens e das instituições, à luz da única Luz que não falha".

Aí está, em poucas linhas, de corpo inteiro o cristão que vive da Fé e que da Fé tira os critérios para julgar o que é e o que pode ser; o cristão que vive da Esperança e da Esperança tira os motivos para ser otimista e para confiar nos homens; o cristão que vive do Amor e do Amor tira a coragem para levantar a voz em favor da verdade e da fraternidade, da justiça e da paz e da liberdade.

Quanto à última parte da pergunta, eu diria o seguinte: num mundo marcado pela violência, pelo gozo, pelo dinheiro — os três inimigos do homem de que fala S. João (1Jo 2:16) — a solução não está na vio-

lência que gera violência nem no gozo que inflaciona o gozo nem no dinheiro que arruína todos os sistemas econômicos, não, mas sim na aparente fraqueza da verdade, da justiça, da liberdade e do amor fraterno. Valores cristãos. Valores humanos. Valores definitivos.

Será que os cristãos que ocupam as cátedras da sabedoria política e comandam os batalhões do desenvolvimento, já agora no próximo governo, não entendem as lições do evangelho que são também as lições da sensatez e da história?

IMAGEM NA POSSE

1. A posse do novo mandatário supremo atingiu proporções nunca dantes navegadas em pensamentos, palavras e obras. Representações numerosas, quase uma centena, de nações amigas e inimigas ou suspeitas, todas elas brilhantes, luzidas, buriladas, sofisticadas, condecoradas que vou-te contar, sem falar diretamente nas ondas do mais lídimo puxassiquismo nacional, o que é muito evidente em situações tamanhas. A chaleirice é uma instituição social, e daí? Daí porque se exumaram casacas, se alugaram casacas, se compraram casacas, se fizeram casacas etc.

2. Nos grandes recintos eram casacas e cidadãos encasacados, casacas condecoradas sobriamente ou desgostosamente, casacas carregadas de problemas de rito e protocolo, casacas tresandando a gafes. Como aquela por ex. de vestir casaca com relógio de pulso. Em tanta cerimônia. Meu Deus, como pode? Muitas semanas antes o ilustre doutor da alta soçaité lembrava expressamente essa entre muitas notáveis regras notabilíssima tradição diplomática. A saber: "Com casaca não se usa relógio de pulso". Evidente, evidente. Meu Deus!

3. O doutor fez mais que apenas dogmatizar cerimônia. Indicou pistas para acadêmicos e ministros, para embaixadores e sábios, para ibrahins e similares, para convidados e penetras etc., para todos: que em toda casa há um relógio de bolso de um antepassado, guardado numa arca perdida nem sonhada, relógio histórico das campanhas do Paraguai, relógio provavelmente napoleônico, relógio de algibeira em ouro ou prata, mesmo que não ande, relógio de Longfellow — "never, for ever" —, vaidade das vaidades e tudo é vaidade. Tudo passa.

(A. H.)

A FOLHA

ANO 2 - 7 de Abril de 1974 - N. 96

PUBLICAÇÃO LITÚRGICA SEM FINS LUCRATIVOS

da MITRA DIOCESANA DE
NOVA IGUAÇU

Utilidade Pública - Lei 6.311 de 25 de Setembro de 1974

Para você participar do Culto Dominical

7 de ABRIL de 1974 — DOMINGO DE RAMOS

1. CANTO DE ENTRADA

- Quando a porta da igreja se abriu /
os ouvidos abrimos também
Para ouvir a mensagem de bem /
que vem do amor.
Nossa vida trazemos, Senhor /
nossos lares e nosso cantar
Tua bênção irá iluminar / o nosso
amor.
Onde está teu irmão? Onde está teu
irmão?
Foi Deus quem perguntou: Onde
está teu irmão?
2. Quantas vezes à porta bateu / a
tristeza que o mundo esqueceu
Só queria saber de você / se existe
amor.
Quantas vezes à porta bateu / teu
irmão pedindo perdão
E você lhe fechou o coração / ao
seu amor.

2. ACOLHIDA

Após a quaresma, entramos hoje na semana que revive os acontecimentos centrais do mistério de Jesus Cristo: impasse total de seus ensinamentos, aversão quase física das autoridades constituídas por aquele judeuzinho do interior, traição dos amigos, abandono dos discípulos, prisão, tortura, julgamento e assassinato: tudo conforme o figurino usado pelos séculos afora com todos os cristãos, confessos ou anônimos, que descobriram a coerência e quiseram mantê-la. Mas o mistério central da Grande Semana é a ressurreição, a Grande Novidade que fez a sua entrada triunfal na história dos homens. A Semana Santa seria apenas serviço fúnebre, se não fosse a meditação gloriosa da vitória de Cristo sobre a morte. Aqui nos reunimos porque estamos interessadíssimos neste fato que dá todo um sentido diferente à nossas pobres vidas humanas.

3. ATO PENITENCIAL

Sendo de condição divina, Jesus não fez apelações nem exigiu que Deus o tratasse melhor. Assumiu a condição de escravo e foi obediente até a morte. Após todas as provas, Deus o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todos os outros nomes. Eis, em duas frases, como o apóstolo Paulo sintetiza a vida de Cristo e a vida de todos os cristãos. Nossa tendência natural é apelar a qualquer possibilidade donde sobre alguma esperança de nos livrarmos do sofrimento. Nossa tendência natural é desejar os bens materiais que são a garantia contra o sofrimento. Praticamente, Jesus achou esta meta muito pequena e foi em frente, buscando os direitos, o conforto e o progresso de todos. A Semana Santa de Cristo é a maior lição que um homem já deu sobre a pequenez do egoísmo. Confirmamos com esta lição os princípios fundamentais que estão motivando a nossa vida e a nossa luta.

CONFESSEMOS OS NOSSOS
PECADOS

4. ORAÇÃO

Deus eterno e todo-poderoso, para dar aos homens um exemplo de humildade, quisesse que o nosso Salvador se fizesse

homem e morresse na cruz. Concedei-nos aprender o ensinamento da sua paixão e ressuscitar com ele na glória.

5. I LEITURA

O Senhor Deus me faz falar como discípulo seu, para que eu possa animar o que está abatido.

Is 50,4-7: "O Senhor Deus me fez falar como um discípulo, para que eu pudesse animar o abatido. Toda manhã ele me chama a atenção, para que eu o ouça como discípulo. O Senhor abriu-me os ouvidos, eu não resisti nem voltei atrás. Deixei que me batesssem nas costas, que me arrancassem a barba e me esbofetearassem no rosto. Não desviei o rosto dos escarros e insultos. O Senhor vai me proteger, por isso não preciso corar de vergonha e suportar tudo sem esconder o rosto. Sei que nada fiz para ficar desmoralizado". — Palavra do Senhor.

6. CANTO DE MEDITAÇÃO

Senhor, que a tua palavra transforme a nossa vida,

Queremos caminhar com retidão na tua luz.

- No Senhor está toda graça e salvação / nele encontramos o amor e o perdão.
- Não vacilará quem confiar no Senhor / Ele nos sustenta, nos conduz pela mão.
- O Senhor é bom, é ternura e compaixão / seu amor nos chama a viver como irmãos.

7. II LEITURA

Mesmo sabendo-se de condição divina, Jesus não exigiu que Deus o tratasse diferente mas tornou-se obediente a Deus até a morte na cruz.

Flp 2,6-11: "Jesus Cristo, sendo de condição divina, não exigiu ciosamente sua igualdade com Deus. Renunciou livremente a tudo isso e assumiu a condição de escravo, tornando-se igual aos homens. Vivendo como um homem, humilhou-se totalmente, tornando-se obediente até a morte e morte numa cruz. Por isso Deus o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todos os nomes. Ao nome de Jesus, dobrem os joelhos todos os seres no mais alto dos céus, na terra e nos infernos. E todos proclamem, para a glória de Deus Pai, que Jesus Cristo é o Senhor". — Palavra do Senhor.

8. ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

Honra, glória e louvor a ti, Senhor,
/ palavra viva que nos vai falar.

- Eu vim para que tenham vida / e a tendo levem vida ao irmão.
- Senhor, vamos ouvir tua palavra / que iremos traduzir em nossa vida.

9. III LEITURA

O relato do evangelista Lucas sobre o julgamento, a condenação e a morte de Jesus Cristo.

Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo segundo Lucas.

Lc 23,1-49: "Naquele tempo, todos se

levantaram e levaram Jesus diante de Pilatos. E começaram a acusá-lo: Encontramos este homem instigando nosso povo à revolta, dizendo-lhe para não pagar o imposto ao imperador, e afirmando que ele é o Messias, o rei. Pilatos perguntou: Você é o rei dos judeus? Respondeu Jesus: É você que diz. Pilatos disse aos sumos sacerdotes e à multidão: Não encontro motivo para condenar este homem. Eles insistiam ainda mais: Ele suscita revolta no meio do povo com o seu ensinamento! Ele começou na Galiléia, passou por toda a Judéia, e agora está aqui! Quando Pilatos ouviu isto perguntou: Este homem é galileu? Ao saber que Jesus estava sob a jurisdição de Herodes lho remeteu. Pois, naqueles dias Herodes estava em Jerusalém. Herodes ficou alegre quando viu Jesus. Pois já ouvira falar dele. Há tempo desejava vê-lo. E esperava ver algum de seus milagres! Então, lhe fez muitas perguntas. Mas, Jesus não respondia nada. Os sumos sacerdotes e os professores da lei estavam lá e o acusavam com insistência. Herodes e seus soldados zombavam de Jesus, e o tratavam com desprezo. Vestiram-no com uma roupa brilhante e o enviaram de volta a Pilatos. Naquele dia, Herodes e Pilatos, tornaram-se amigos. Antes disto eram inimigos.

Pilatos convocou os sumos sacerdotes e os chefes do povo e lhes disse: Trouxeram-me este homem e disseram que incitava o povo à revolta. Eu o examinei aqui, diante de vocês, e nada verifiquei dos crimes que o acusam. Herodes também não o julgou culpado, pois no-lo enviou de volta. Nada do que ele fez merece a morte. Portanto, depois de castigá-lo, eu o soltarei. (Ora, em cada festa de Páscoa, Pilatos devia soltar-lhes um prisioneiro). Toda a multidão, porém, gritava: Mate-o! soltemos Barrabás! Barrabás foi preso por causa de uma revolta que houve na cidade, por causa de assassinio. Pilatos desejava libertar Jesus, e de novo, falou à multidão. O povo gritava: Pregue-o na cruz, na cruz! Pilatos disse, pela terceira vez: Qual crime ele cometeu? Nada encontro que mereça a morte. Depois de castigá-lo, eu o soltarei! Mas continuavam a gritar que Jesus devia ser pregado na cruz. E, finalmente, seus gritos prevaleceram. Pilatos, então, pronunciou a sentença que eles pediram. Libertou o homem que desejavam, aquele que fora preso por revolta e assassinio, e lhes entregou Jesus para fazerem com ele o que desejassem. Depois, levaram Jesus, e no caminho encontraram um homem chamado Simão, de Cirene, que voltava do campo para a cidade. Obrigaram-no a carregar o madeiro atrás de Jesus. Grande número de pessoas o seguia; entre elas, algumas mulheres que choravam e lamentavam por ele. Jesus voltou-se para elas e disse: Mulheres de Jerusalém, não chorem por mim, mas por si mesmas e por seus filhos. Porque, dias virão, nos quais se dirá: felizes as mulheres que nunca tiveram filhos e que nunca deram à luz, e nunca amamentaram crianças! Naquele tempo começarão a dizer às montanhas: Caiam sobre nós; e aos morros: Venham nos esconder! Pois se tais coisas são feitas quando a lenha está verde, quanto mais quando estiver seca!

Tomaram outros dois criminosos para executá-los com Jesus. Quando chegaram ao lugar da Caveira, lá o pregaram na cruz, e também os dois criminosos, um à direita e outro à esquerda. Jesus disse: Pai, perdão para eles! Não sabem o que estão fazendo! Eles dividiram a roupa dele, fazendo um sorteio. O povo olhava, enquanto os chefes zombavam: Salvou a outros? Agora, salve-se a si mesmo, se é o Messias escolhido por Deus! Os soldados também se riam! Aproximaram-se e lhe ofereceram vinagre, dizendo: Salve-se a si mesmo, se é o rei dos judeus! Sobre Jesus havia esta inscrição: **ESTE É O REI DOS JUDEUS**. Um dos criminosos que foram crucificados o insultou: Você não é o Messias? Salve-se a si mesmo, e a nós também! O outro, porém, o repreendeu, dizendo: Você não teme a Deus? Estamos aqui, condenados do mesmo modo! Nossa condenação é mais do que justa, porque recebemos o que merecemos. Mas, ele não fez nada! Depois, disse: Lembre-se de mim, Jesus, quando vier com seu reino! Jesus respondeu: Eu digo e repito: Hoje, estará comigo, no paraíso. Era, mais ou menos, meio-dia, quando uma escuridão cobriu a região, até às três horas da tarde. O sol escureceu. O véu do templo rasgou-se pelo meio. Jesus gritou em alta voz: Pai, em suas mãos entrego o meu espírito. Disse isto e morreu.

(Aqui todos se ajoelham, e faz-se uma pausa).

O oficial do exército viu o que aconteceu e louvou a Deus, dizendo: Certamente, ele era um homem justo! Quando o povo que lá estava reunido viu o que acontecera, voltou para casa batendo no peito. Os amigos de Jesus e as mulheres que o seguiam desde a Galiléia ficaram a uma certa distância para presenciar os acontecimentos. — Palavra da Salvação.

10. PROFISSÃO DE FÉ

Creio em Deus Pai todo-poderoso,

Criador do céu e da terra; / e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; / nasceu da virgem Maria, / padeceu sob Pôncio Pilatos, / foi crucificado, morto e sepultado; / desceu à mansão dos mortos; / ressuscitou ao terceiro dia; / subiu aos céus, / está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso; / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos; / creio no Espírito Santo, / na santa Igreja católica, / na comunhão dos santos, / na remissão dos pecados; / na ressurreição da carne, / na vida eterna. / Amem.

11. ORAÇÃO DOS FIEIS

Mesmo sendo de condição divina, Jesus assumiu a condição de homem comum e foi, até a morte, obediente aos planos de Deus a respeito de sua vida. Só depois é que Deus o exaltou e lhe deu o nome que está acima de todos os outros nomes, de forma que é e continuará sendo, por toda a história humana, o fundamento de tudo aquilo que disser respeito à transformação do mundo para formas mais justas de convivência. Este é também o trabalho, deixado por ele, para todos os que trazem o seu nome, pertencendo à sua igreja. Elevemos as nossas preces para que, entre nós cristãos, haja mais esta consciência de responsabilidade pela sorte do mundo.

— Pela igreja de Cristo, para que aprenda, nesta Semana Santa, a coerência total do evangelho que pode levar até a incompreensão total e à morte, rezemos ao Senhor.

— Pela igreja de Cristo, para que se preocupe muito menos em manter identidade sectária e muito mais pela sorte daqueles que estão sendo crucificados como Cristo, rezemos ao Senhor.

— Para que nós cristãos tenhamos a sensibilidade de procurar a pessoa de Cristo não só nas emoções religiosas mas também e principalmente na pessoa daqueles que estão sendo maltratados em seus direitos, rezemos ao Senhor.

— Para que o sofrimento e o sangue de Cristo desperte em nós cristãos o sentimento de profunda seriedade pela causa que os seus ensinamentos vieram indicar, rezemos ao Senhor.

— Para que as nossas comunidades locais festejem com sentimentos de intimidade os mistérios da vitória de Cristo e saiam da Semana Santa mais dispostas a espalhar o seu evangelho, através do engajamento na pastoral, rezemos ao Senhor.

12. CANTO OFERTÓRIO

1. Jesus falou: "Vai primeiro reconciliar teu coração com teu irmão".

Se quiseres participar da libertação e da salvação,

Da vida nova e da reconstrução.

Nesta mesa de união / depositamos vinho e pão / depositamos vinho e pão

Que serão o alicerce da libertação e da reconstrução.

2. Jesus falou: "A oferta só terá valor / se o coração tiver amor"

Pão e vinho que no altar estão / nos ajudarão a viver melhor

E a construir um mundo mais irmão.

13. ORAÇÃO DAS OFERTAS

O Deus, que estas ofertas lavem os nossos pecados e nos santifiquem inteiramente para celebrarmos a Páscoa.

14. CANTO DA COMUNHÃO

[Eu vim para que todos tenham vida / que todos tenham vida plenamente"]

1. Reconstrói a tua vida em comunhão com teu Senhor,
Reconstrói a tua vida em comunhão com teu irmão,
Onde está o teu irmão, eu estou presente nele.

2. "Quem comer o pão da vida viverá eternamente"
"Tenho pena deste povo que não tem o que comer"
Onde está um irmão com fome, eu estou com fome nele.

3. "Eu passei fazendo o bem, eu curei todos os males"
Hoje és minha presença junto a todo sofredor,
Onde sofre o teu irmão, eu estou sofrendo nele.

4. "Entreguei a minha vida pela salvação de todos"
Reconstrói, protege a vida de indefesos e inocentes,

Onde morre o teu irmão, eu estou morrendo nele.

5. "Vim buscar e vim salvar o que estava já perdido"

Busca, salva e reconduz a quem perdeu toda esperança,
Onde salvas teu irmão, tu me estás salvando nele.

6. "Não apago o fogo tênue do pavio que fumeja"

Reconstrói e reanima toda vida que se apaga,
Onde vive teu irmão, eu estou vivendo nele.

7. "Este pão, meu corpo e vida para a salvação do mundo"

É presença e alimento nesta santa comunhão,
Onde está o teu irmão, eu estou também com ele.

8. "Salvará a sua vida quem a perde, quem a doa"

"Eu não deixo perecer nenhum daqueles que são meus"
Onde salvas teu irmão, tu me estás salvando nele.

15. ORAÇÃO FINAL

Saciados pelo vosso sacramento, nós vos pedimos, ó Deus, como pela morte do vosso Filho nos destes esperar o que cremos, dai-nos pela sua ressurreição alcançar o que buscamos.

16. CANTO FINAL

1. Unidos estamos aqui / unidos queremos ficar
Seguiremos sempre em frente pela vida a cantar
Semeando o bem, alegria e paz em cada coração.

É bela a vida que se dá / e um mundo novo faz surgir.

Deus quis do homem precisar / pro seu reino de amor construir.

2. Sabemos o rumo a seguir / o Cristo que é nosso ideal

É preciso que o mundo seja um pouco melhor

Porque nele eu vivi / e por ele tu passaste, meu irmão.

PRESENTES, ARTESANATOS
LIVROS E
MATERIAL ESCOLAR

CASA do ENCONTRO

AV. GOV. AMARAL PEIXOTO, 507

Nova Iguaçu - Est. do Rio

- Atrás da Catedral -

PLUMA
COMPACTOR
ESCREVE MELHOR